
PAULO FREIRE: MARXISTA OU MARXISIZANTE?

PAULO FREIRE: MARXIST OR MARXISIZING?

PAULO FREIRE: ¿MARXISTA O MARXIZADOR?

Daniel Cardoso Alves¹

RESUMO: O objetivo geral do artigo é provocar outras e novas perguntas acerca das relações (ou não) entre a teoria da educação de Paulo Freire e a teoria social de Karl Marx a partir do questionamento central que o intitula. Para contextualizar e fundamentar as discussões adotou-se como ponto de partida a realidade discursiva da cena política brasileira contemporânea. Foi utilizada a revisão de literatura à luz de uma abordagem qualitativa de pesquisa. O quadro teórico se sustenta nos objetos centrais das abordagens em Freire e Marx. A principal conclusão que se chega com o artigo é que há rupturas e continuidades entre os objetos de estudo do filósofo da educação e do filósofo do mundo trabalho, respectivamente, o que revela uma simpatia do primeiro com os postulados do segundo, sendo exagerado e conflitante com a própria concepção de homem em Freire encerrá-lo em qualquer definição ortodoxa.

Palavras-Chaves: Freire. Marx. Teoria da educação. Teoria social. Relações.

ABSTRACT: The general objective of the article is to provoke other and new questions about the relations (or not) between Paulo Freire's theory of education and Karl Marx's social theory, based on the central question that entitles it. To contextualize and support the discussions, the discursive reality of the contemporary Brazilian political scene was adopted as a starting point. A literature review was used in the light of a qualitative research approach. The theoretical framework is based on the central objects of the approaches in Freire and Marx. The main conclusion reached with the article is that there are ruptures and continuities between the objects of study of the philosopher of education and the philosopher of the world of work, respectively, which reveals a sympathy of the first with the postulates of the second, being exaggerated and conflicting with Freire's own conception of man to lock him up in any orthodox definition.

Keywords: Freire. Marx. Education theory. Social theory. Relations.

RESUMEN: El objetivo general del artículo es suscitar otras y nuevas preguntas sobre las relaciones (o no) entre la teoría de la educación de Paulo Freire y la teoría social de Karl Marx, a partir de la cuestión central que la titula. Para contextualizar y sustentar las discusiones, se tomó como punto de partida la realidad discursiva del escenario político brasileño contemporáneo. Se utilizó una revisión de la literatura a la luz de un enfoque de investigación cualitativa. El marco

¹ Professor da área de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). Geógrafo, pedagogo, filósofo e poeta. Especialista em Análise do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Ciências Ambientais pela UESB. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). dca.uemg@gmail.com.

teórico se sustenta en los objetos centrales de los planteamientos en Freire y Marx. La principal conclusión a la que se llega con el artículo es que existen rupturas y continuidades entre los objetos de estudio del filósofo de la educación y del filósofo del mundo del trabajo, respectivamente, lo que revela una simpatía del primero con los postulados del segundo, siendo exagerada y contradictoria con la propia concepción del hombre de Freire para encerrarlo en cualquier definición ortodoxa.

Palabras clave: Freire. Marx. Teoría de la educación. Teoría social. Relaciones.

1. INTRODUÇÃO

A partir do questionamento central que intitula este texto – Paulo Freire: Marxista ou Marxisizante? – o presente artigo tem como objetivo geral discutir as possibilidades de respostas para essa pergunta fundante, assim como provocar outras e novas perguntas acerca das relações (ou não) entre a teoria da educação de Paulo Freire e a teoria social de Karl Marx.

Seria a teoria freireana para a educação contemporânea uma reprodução marxista ortodoxa? Seria ela uma simpatizante dos postulados marxistas? Ou essa teoria estaria alheia às contribuições de Karl Marx na compreensão das tessituras sociais?

Acreditar na ortodoxa relação entre ambas as teorias é relativamente compreensível quando está em jogo no processo discursivo apenas a intenção de convencer o outro a partir da consolidação de ideologias atravessadas por relações de poder e despidas da substância teórica argumentativa que, se fidedigna ao compromisso de que conhecer é chegar o mais próximo da verdade, deve estar disposta, inclusive, para refutar ideias previamente fixadas, já que não se sustenta exclusivamente em comprovar, pela retórica do discurso, um pensamento sacralizado sob a suposição que ele mesmo já seria a verdade.

Também é aceitável que sujeitos não implicados e/ou desconhecedores das abordagens que as duas citadas teorias carregam, comumente, acreditem que haja uma relação direta entre as discussões de Paulo Freire, para o campo da educação, e os postulados de Karl Marx, apropriados como teoria social.

A contemporaneidade da cena política brasileira constitui-se como notório exemplo da vinculação literal entre as teorias de Paulo Freire e Karl Marx em relação à

educação. Essa constatação foi comprovada pelos reiterados discursos do ex-presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que associava os fracassos da educação brasileira à teoria da pedagogia freireana, já que sustentada em teorias sociais críticas, denominadas, pelo ex-presidente, de esquerdistas, marxistas e comunistas.

Por diversas vezes o ex-presidente, autodeclarado representante da extrema direita da política brasileira, valeu-se de expressões pejorativas para se referir ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Segundo Bolsonaro, Paulo Freire é um “energúmeno” (MAZUI, 2019, s/p.) que deixou como legado para a educação brasileira uma “fábrica de militantes” (MEDEIROS, 2022, s/p.).

Em um de seus discursos, assim se pronunciou o ex-chefe do poder executivo da nação brasileira sobre o maior expoente da educação no mundo: “temos que tirar da cabeça dessas pessoas aquilo que foi colocado lá atrás, pelo ídolo da esquerda, o Paulo Freire, para colocar coisa boa dentro da cabeça das pessoas, para resgatá-las” (ESTADO DE MINAS, 2020, s/p.).

Quando da sua diplomação, o empossado presidente brasileiro declarou que tinha como meta a retirada do País das piores posições do *ranking* da educação no mundo. Para tanto, publicou em sua rede social *twitter* que iria “[...] combater o lixo marxista que se instalou nas instituições de ensino. Junto com o ministro de Educação e outros envolvidos vamos evoluir em formar cidadão e não mais militantes políticos” (OSAKABEL, 2018, s/p.).

Durante o seu governo, Bolsonaro não somente atacou a figura de Paulo Freire no campo discursivo, como também em atos concretos, como a edição de um decreto federal com a finalidade de excluir o nome de Paulo Freire da medalha de honra “[...] que era concedida a personalidades e instituições que se destacaram nos esforços de erradicação do analfabetismo” (SOUZA; GULLINO, 2022, s/p.).

Na mesma direção daquele que o nomeou, um dos ex-ministros da educação brasileira do governo Bolsonaro e professor de economia da Universidade Federal de São Paulo, Abraham Weintraub, ao divulgar uma amostra do formato do material feito pelo ex-secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, declarou: “Paulo Freire e kit *gay* não têm vez no MEC do Pres. Jair Bolsonaro [...]” (UOL EDUCAÇÃO, 2020, s/p.).

Em contrapartida, o atual ministro da educação brasileira do governo Lula e, também professor da educação superior, da área de agronomia, Camilo Santana, quando da sua posse, finalizou o seu discurso enaltecendo Paulo Freire. Em suas palavras: “[...] encerro com uma frase de Paulo Freire, que inspirou tantas e tantos educadores nesse país: ‘ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão’” (PODER 360, 2023). Essa postura discursiva revela uma mudança em relação ao governo anterior, que estigmatizava a figura de Paulo Freire e, por conseguinte, desmerecia as suas contribuições para a educação no Brasil e no mundo.

Sem querer adentrar na análise do discurso político, é perceptível a sustentação ideológica do governo anterior para desqualificar as contribuições de Paulo Freire e, por associação, também o ataque às contribuições de Karl Marx para a compreensão do tecido social em suas contradições históricas.

Todavia, é importante sintetizar que os reiterados ataques ideológicos a Freire e Marx têm em comum a aversão ao despertar da consciência crítica das pessoas, isto é, à tomada de consciência da realidade a partir da valorização do contraditório como processo histórico de compreensão dos fenômenos sociais, o que é central nas abordagens de ambos os teóricos e se contrastam com uma sociedade em que não faz parte da cultura nacional aceitar facilmente a crítica às mazelas sociais, às desigualdades e ao *status quo*, na qual, tranquilamente, discursos ideológicos pautados na inexistência da crítica ganham uma massa de adeptos susceptíveis.

Para além das desconstruções superficialmente retóricas, ideológicas e com fins panfletários, típicos do cenário político-partidário, é preciso partir do entendimento de que em toda convergência há divergências, o que torna potenciais relações *ipsis litteris* entre os legados de Freire e Marx, no mínimo, exageradas.

Contudo, não raro, nos depararmos com estudiosos, inclusive do campo da filosofia e da educação, pecarem analiticamente por evidenciar apenas as confluências entre a teoria da educação de Freire e a teoria social de Marx, negligenciando, com isso, os distanciamentos epistemológicos.

Considerar as filigranas em Freire e Marx é princípio *sine qua non* para não encaixotar doutrinariamente possíveis relações entre as suas teorias. O doutrinamento fragiliza o conhecimento, pois, tomado como dogma, ele tende a não se renovar.

Feitas essas considerações iniciais e mirando-se no questionamento central, este artigo se constitui como uma revisão de literatura. Com o emprego de uma abordagem qualitativa, na seção subsequente realiza-se breves discussões sobre aspectos centrais das abordagens de Freire e Marx. Nas considerações finais o questionamento central é, em certa medida, respondido.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TEORIAS DE KARL MARX E PAULO FREIRE: POR UM BUSCA DE RELAÇÕES

A ideia de não finitude da história entendida como processo em permanente movimento e que é realizado pelo homem, cuja realidade humana é explicada por ela mesma e não por verdades de um passado ou futuro, que são transitórias, é basilar na concepção marxista, ou mesmo marxiana e marxóloga², para a compreensão de que o trabalho é essência humana.

O homem, para Marx, é produto de si mesmo. Logo, é ele produto do trabalho. Essa afirmação é sustentada em alguns dos seus manuscritos acerca do conceito de trabalho apreendido da Fenomenologia do espírito de Hegel³, como se transcreve:

a grandeza da Fenomenologia e de seu resultado final, a saber a dialética da negatividade como princípio motor e criador, consiste pois, de uma parte, em que Hegel compreenda a produção do homem por ele mesmo como um processo, a objetivação como desobjetivação, como alienação e supressão dessa alienação; em que compreenda a essência do trabalho e conceba o homem objetivo, verdadeiro pois real, como o resultado de seu próprio trabalho (MARX, 1996, p. 165).

A teoria social de Marx, que tinha na ideia do trabalho como práxis uma questão central, propunha-se essencialmente à crítica do pensamento idealista e, por sua vez, ao

² “O marxista seria o marxista-leninista, o ‘ortodoxo’. Seria o que acredita no projeto, participa de algum partido ao estilo marxista-leninista, o marxista ‘gnoseológico’. Um exemplo: Althusser, que foi do PCF até o fim da vida. O marxiano seria a vertente lukacsiana, originalmente, de onde supponho ter surgido o termo. Os frankfurtianos seriam marxianos, ou seja, estudiosos de Marx, mas que não são ‘ortodoxos’, ou seja, não participam de partidos, recusam Stálin, Mao, Hoxha, etc” (OLIVEIRA, 2014, s/p).

³ Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo germano que, com a obra Fenomenologia do Espírito, marca o sistema filosófico idealista absoluto.

sistema filosófico do idealismo absoluto cunhado por Hegel. Com esse propósito, Marx incorporou à citada teoria, além da crítica à filosofia idealista de um lado, a crítica à economia política, tentando, dessa forma, articular tanto uma visão de destruição das velhas formas ideológicas idealizadas de pensar o mundo, quanto das formas de rede e organização econômica da sociedade.

Marx adjetivou essa articulação de dialética da sociedade, isto é, os reversos da infraestrutura e da superestrutura materializados nos planos econômico e político de uma sociedade. A forma analítica social que ele introduz é apropriada pela sociologia como método analítico para realizar os estudos sobre a sociedade em suas dinâmicas. Dito isso, é possível defender que a partir das abordagens de Marx houve uma desestabilização da ideia de que tudo é concomitantemente verdade absoluta e relativa, ao passo que esse tudo deve ser avaliado ao longo do seu próprio processo histórico, que não tem fim.

Os postulados de Marx representam, então, uma ruptura em uma continuidade do racionalismo burguês por negar, com base no materialismo histórico dialético, as formas ideológicas e materiais que se constroem a partir do capitalismo, ou seja, ele passa a apontar as contradições desse sistema econômico que se anunciava calcado na superexploração pelo trabalho alienado, demonstrando que esse sistema é também histórico, pelo que, há uma possibilidade histórica de sua superação. A respeito do materialismo dialético, diz Marx:

a mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede, de modo algum, que ele tenha sido o primeiro a expor as suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. É necessário invertê-la, para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico [...] O movimento, repleto de contradições, da sociedade capitalista faz-se sentir ao burguês prático de modo mais contundente nos vaivéns do ciclo periódico que a indústria moderna percorre e em seu ponto culminante — a crise geral. Como ele pensava o trabalho que pensava (MARX, 2013, p. 129-130).

O trabalho como centro, não só da sociedade, mas da essência humana é, para Marx, práxis, visto que há uma conexão entre fazer e pensar, cujo humano é produto da sua própria obra, o trabalho. Cada ação humana corresponde à construção de uma forma de pensamento sobre a sua ação. Desse modo, o trabalho como práxis, segundo Marx, corresponde a um conjunto da ação humana, a um agir e pensar conectados dialeticamente.

A noção do trabalho torna-se nuclear na teoria social de Marx, uma vez que o trabalho é o criador do homem, o qual, sem trabalho, não é homem. Todas as formas sociais humanas ao longo da história da humanidade, na concepção marxista, se constituem por meio de formas históricas de trabalho que conduzem a organização da sociedade.

Uma sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção é fundamentalmente organizada em função da produção de mercadorias. Isso implica, obviamente, na necessidade de um trabalho livre e de um trabalho transformado em mercadoria. Assim, ao analisar a categoria trabalho, Marx entende que toda forma de organização da sociedade deriva de uma forma histórica de trabalho. Essa relação, em uma sociedade capitalista, explica a sua estrutura social pelo trabalho, em que a dinâmica do mercado passa a absorver todas as relações sociais.

Nesse aspecto, a teoria social marxista revela-se fundamental para a compreensão do fenômeno educativo como produto das relações sociais mediadas pela categoria trabalho.

Como mercadoria, já que resultado de uma construção social da sociedade capitalista, a educação, objeto de estudo e campo de atuação do educador e filósofo Paulo Freire, transforma-se em objeto de compra, isto é, vira um produto social transformado em mercadoria pela sociedade que mercantiliza a própria vida.

Essa sociedade mercantilizada e mercantilizadora confere à mercadoria uma dimensão maior do que a do próprio homem que a criou, que se torna vítima da sua mercantilização. Essa inversão de papéis entre criador e criatura, Marx chama de fetichismo da mercadoria. A educação, nesse sentido, pode ser compreendida como um fetiche da mercantilização.

Paulo Freire, em sua teoria da educação, ao reconhecer e, ao mesmo tempo, se opor à faceta capitalista da educação como mercadoria que

atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas ((LUCKESI, 2011, p. 6).

Defende a possibilidade de uma educação como prática da liberdade, isto é, empenhada no alcance da consciência crítica pelo homem quando esse compreende dialeticamente o processo de alienação do qual faz parte.

As discussões de Freire preparam o terreno para a consolidação, no campo discursivo, da pedagogia histórico-crítica (PHC), desenvolvida por outro filósofo e educador, Dermeval Saviani. A PHC surge como alternativa ao modelo de educação dominante: “[...] a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica, cujo ponto de referência e compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação” (SAVIANI, 2003, p, 93).

Entretanto, há uma questão de fundo: como partir de uma referência não vivenciada na história do modelo de sociedade capitalista dominante?

Possibilidade que, à luz da teoria social do Marx, aproxima-se do ideal, tendo em vista a realidade de uma sociedade capitalista organizada em função do trabalho social, que faz parte da estrutura orgânica dessa sociedade, na qual as contradições e as desigualdades se instalam sustentadas por estruturas sociais que garantem a perversidade e a superexploração do homem pelo trabalho, logo, do homem pelo próprio homem, uma vez que o motor do progresso e do desenvolvimento é substituído pelo modelo do consumo voraz, tomado como o grande fundamentalismo da sociedade capitalista.

Seria a teoria da educação de Freire como prática da liberdade, diante de uma realidade em que o poder transformador da educação conservadora apresenta-se como um mito, à primeira vista, exemplo da crítica que Marx faz à forma de pensar, em que verdades absolutas são, ao mesmo tempo, relativizadas? Estaria essa teoria fundada em um idealismo filosófico?

A educação, enquanto mercadoria, tem como função conservar o *status quo*, reproduzindo a ideologia burguesa e, com isso, desmistificando a ideia idealizada de educação como um fator determinante de equalização e de mobilidade social, pois sua função é, pelo processo de escolarização, consolidar a reprodução social e cultural ditada pelo sistema capitalista.

Dessa forma, a sociedade capitalista institucionaliza a educação de modo a atender o projeto desse sistema, sendo, no mínimo, contraditório acreditar na educação como “[...]”

um ato coletivo, solidário — um ato de amor [...] (que) não pode ser imposta” (BRANDÃO, 1981, p.7). A realidade do modelo educativo como “despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum” (BRANDÃO, 1981, p.7), reconhecida por Paulo Freire como oposição a uma educação dialógica empenhada na conquista da prática da liberdade, perpetua como tradição que retroalimenta o sistema capitalista despejando na classe dominada o pensamento que aprisiona.

Como garantir a possibilidade de outra educação se quem a oferta é o sistema capitalista? Parece-nos que tem uma questão que vem antes de qualquer proposta de outro modelo de educação potencialmente contrário ao poder hegemônico vigente. Essa questão é o foco de Marx. Ou seja, em uma análise radical, a educação é ponto de chegada, ao passo que a questão das relações sociais engendradas pelo trabalho alienado é ponto de partida. Com isso, enquanto Marx concentra-se no ponto de partida, Freire, ainda que reconheça esse ponto, debruça-se sobre o ponto de chegada.

Entender a educação como uma prática da liberdade no cenário real é, em associação ao pensamento do Marx, uma contradição que crê na possibilidade atenuadora de que o futuro será diferente do processo histórico. É o mesmo que viver em uma realidade horrível e, ainda assim, relativizar que ela seja apenas um momento do longo desenvolvimento histórico e que a esperança, uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições, mudará a realidade, como propunha a filosofia existencialista de Jean Paul Sartre⁴.

Essa tergiversação a uma situação real que impossibilita materialmente a existência de outro projeto de educação é apoiada em uma concepção ideal, que tende a se afastar do processo histórico analítico ao defender a ideia de uma educação como práxis assentada em uma relação idealizada com um criador que escapa do materialismo histórico dialético, isto é, uma educação sustentada na dialogação “[...] do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador” (FREIRE, 1967, p. 59).

⁴ Filósofo e escritor francês representante pensamento existencialista.

Contudo, ao aprofundarmos o pensamento de Paulo Freire, segundo o qual “se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.67), compreendemos que, no cenário educativo, a sua teoria não propõe o devaneio em relação à realidade, mas traz consigo a defesa de o homem deve ser veraz com aquele pouco de possibilidade que ele tem, uma vez que,

o educador democrático não pode se opor ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (FREIRE, 1996, p. 26).

Ao entender o trabalho educativo como um ato fundamentalmente político, que não é neutro e precisa superar posturas ingênuas e acríticas, Paulo Freire defende que “[...] alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade [...]” (FREIRE, 1991, p. 7).

Em uma análise radical do pensamento freireano sob o prisma marxista, é perceptível de que há nele idealismo, mas também há muitas intencionalidades de se aproximar do pensamento desvelador de Marx. Seria o pensamento freireano contraditório? Se partirmos da ideia de que todo ser é contraditório, múltiplo e inconcluso, pois é resultado de pertenças históricas e culturais, não teríamos a contradição percebida como algo que desqualifique as proximidades da teoria da educação de Freire com os postulados de Marx.

Não se pode dizer que Marx tenha desenvolvido um estudo sistematizado sobre a educação, até porque o seu objeto de estudo é o processo de alienação do homem pelo trabalho, do homem pelo homem⁵. Também porque muitas das conexões que ele fazia em sua teoria social pensada no contexto espaço-temporal do século XIX, na contemporaneidade, não se sustentam por si mesmas. O contexto é outro e como ele

⁵ Já que o trabalho é a essência humana. Produzido pelo homem, este é contraditoriamente superexplorado pela apropriação alienada do seu produto: o trabalho.

mesmo diz: não se pode examinar nenhuma categoria analítica apartada do seu tempo e espaço.

Entretanto, partindo do pressuposto da teoria social do Marx para entender o mundo de hoje, é possível pensar a educação como mercadoria no contexto de um processo educativo que se organiza para a alienação do homem, na crítica ao sistema capitalista e fundamentalmente no método analítico de compreender o mundo no seu movimento, nas suas contradições e nas suas complexidades históricas, desde que situadas no tempo e espaço históricos. Essas relações são latentes na teoria da educação desenvolvida por Freire na contemporaneidade.

Na sociedade capitalista, em geral, toda a estrutura educacional visa legitimar as ideologias do seu sistema. É isso que, no sistema capitalista, amalgama de maneira estreita trabalho e conhecimento.

A educação, como via do conhecimento e a serviço do capitalismo, passa a ser uma fiel doutrinadora dos princípios de um modo de vida capitalista, amplamente criticados por Marx. O doutrinamento ocorre, sobretudo, pela escolha seletiva pelas classes dominantes, que usufruem de um ensino de qualidade aos moldes do sistema capitalista, de quem terá acesso aos espaços escolares mais sofisticados e que chegará com facilidade à universidade, ao passo que às classes oprimidas resta apenas aprender o manuseio do maquinário da fábrica. Bancos universitários, para os oprimidos, é uma distopia.

Essas características doutrinárias da educação, apesar dos distanciamentos epistemológicos entre Marx e Freire, especialmente aqueles relacionados a um viés idealista, transcendente, ou metafísico⁶, da educação implícito na obra do filósofo da educação, demonstram que há correspondência entre as críticas e o processo reflexivo que o primeiro - Marx - direciona à organização da sociedade, e as discussões do segundo

⁶ Muitas vezes, esse viés é equivocadamente complementado pela expressão perspectiva humanista freireana, que não foi adotada neste texto por entendermos que não seria ela um ponto crítico que distancia Freire e Marx, pois ambos centram-se no humano a partir dos seus diferentes objetos de estudo. Talvez o uso da expressão filiação teórica humanista fosse uma forma mais adequada de pontuar um dos distanciamentos entre os dois filósofos. Há, sobretudo nos Manuscritos Econômico-filosóficos de Marx, 1844, muito de humanismo, inclusive como ponto de partida para os aprofundamentos da sua teoria social. Assim, uma análise filológica dos seus Manuscritos, como pressupõe a própria finalidade da filologia, é rígida, rigorosa, grafocêntrica e carente de uma perspectiva da análise discursiva, que é permeada do espaço-tempo tomado como contexto gerador da produção de sentido ao escrito.

- Freire - em relação à realidade educacional no mundo contemporâneo, decorrente das contradições próprias do capitalismo, ainda em sua fase principiante.

Salienta-se que estudos superficiais se apegam em algumas obras de Freire⁷ nas quais o teórico cita explicitamente as influências de Erich Fromm, um psicanalista, filósofo e sociólogo alemão humanista, no seu pensamento sobre condição humana e liberdade para defenderem o distanciamento entre Freire e Marx e, por conseguinte, as aproximações com Fromm⁸.

De igual modo, outros estudos citam especialmente passagens da obra *Pedagogia do oprimido*, de autoria de Freire, para provarem a literal relação entre Freire e Marx e, por sua vez, os distanciamentos do filósofo da educação e o filósofo humanista Fromm, diante de conceitos marxistas introduzidos por Freire na citada obra, notadamente: classe, opressor e oprimido.

Uma análise mais aprofundada das concepções de homem e liberdade em Freire e Fromm revela que ambos os filósofos se diferenciam e também que ambos possuem influências teóricas de Marx, como pontua Lira (2015) no que refere à concepção de homem:

embora os dois autores tenham influências marxistas, eles diferem muito no momento de suas análises: enquanto Fromm se utiliza do termo “natureza humana” para referir-se ao ser humano, às suas escolhas e consequências, Freire utiliza o termo “condição humana” (LIRA, 2015, p. 36).

E no que se refere à concepção de liberdade, Lira (2015) esclarece:

Fromm retoma o contexto social europeu, Freire nos traz o contexto brasileiro. Fromm descreve como consequência de diversos fatores sociais, inclusive da Igreja, um homem que tornou-se isolado, Freire, descreve um homem de consciência intransitiva, imerso em sua historicidade. Porém, Freire constata que, essa mesma consciência construída poderá transcender, mudando-se as condições – sobretudo as educativas e sociais a uma consciência crítica.

⁷ Há muito de Fromm em Freire, sobretudo nas obras *Educação como prática da Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (2005), *Conscientização* (1980) e outras. Nessas e em outras obras, Freire cita obras de Erich Fromm como: *O medo à Liberdade* (1960), *O coração do homem* (1967) e *O conceito marxista de homem* (1967).

⁸ O próprio Erich Fromm admitia afinidades com o pensamento de Marx, como se transcreve da introdução da sua obra *O conceito marxista de homem* (1967): “abstive-me de apresentar meus desacordos com o pensamento de Marx, por que são poucos no que toca ao seu existencialismo humanista” (FROMM, 1967, p. 10).

Fromm, apesar de muito analisar o homem, nessa construção vê uma saída diferente, onde cada ser humano deve buscar sua auto-realização, ou seja, individualmente. Já Freire, nos traz uma saída coletiva. E é nesse aspecto que Freire se distancia de Fromm, para criar um único aspecto, em que vê uma alternativa para o homem moderno que ainda está preso por uma construção cultural cerceadora e limitadora de consciência. Para Freire, a saída para a realização efetiva da liberdade humana é pela via de um processo educativo. Mas – reiteramos – não qualquer educação, e sim, uma educação que, continuamente, leve o homem a mudar seu espaço e suas atitudes, a educação do “Eu me maravilho” (LIRA, 2015, p. 55).

As contradições capitalistas, abrangidas na teoria da educação de Freire, se renovam na luta de classes entre os opressores e os oprimidos e ganham novas dimensões e novas formas. Todavia, algo permanece intacto: as instituições de ensino continuam na posição de aparelho ideológico do Estado. Elas seguem como reprodutoras e legitimadoras do sistema capitalista quando, na ponta, isto é, no processo de ensino e de aprendizagem, praticam o adiestramento para alguns e a liberdade para os escolhidos, contradizendo ao ideal de acesso pleno a tudo aquilo que a humanidade produz.

Parecem triunfar, numa só e para a grande maioria social oprimida, a educação-mercadoria, à luz de Marx, e a educação bancária, à luz de Freire, caracterizada como mecanismo de exclusão, favorecimento de uma determinada classe, prêmio para os melhores, fragmentação, passividade, disciplina, ausência de questionamento e crítica e de reprodução.

Portanto, das aproximações entre Marx e Freire no campo da educação, levantadas brevemente nesta seção de revisão teórica, infere-se que, para Marx, a ação humana é uma ação educativa permanente, já que se traduz em práxis, isto é, no fazer aprendendo e no aprender fazendo em associação à ideia de que o homem é produto de si mesmo. De igual modo, para Freire, em uma perspectiva de que a práxis pedagógica “[...] implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo [...] que o faz histórico” (FREIRE, 1967, p. 59), são inegáveis as confluências entre ambos os teóricos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma possível resposta para o questionamento central que intitula este texto tenderia a vincular Paulo Freire mais à expressão marxizante do que marxista ou até mesmo marxiana⁹, tendo em vista as proximidades, mas também os muitos distanciamentos entre a teoria da educação de Freire, e sua vida político-partidária, e a teoria social de Marx.

Pensar as confluências entre os dois teóricos sob a perspectiva de que as abordagens de Paulo Freire no campo da educação se simpatizam com a dimensão crítica, histórica e materialista presente na obra de Karl Marx, este, empenhado na compreensão do processo de alienação do sujeito cooptado pelo mundo do trabalho, parece desviar de uma possibilidade doutrinadora de denominar a relação Freire-Marx.

É fato que Freire se simpatiza com a teoria de Marx. É fato também que ele defende a concepção do ser como sujeito inconcluso, inacabado, o que contrasta com qualquer possibilidade de modelamento, enquadramento e engessamento das suas abordagens e, por conseguinte, da própria imagem do patrono da educação brasileira.

Paulo Freire foi um teórico multifacetado que não se contentou com o estabelecido, desafiando-se na busca, por múltiplos caminhos epistemológicos e diversificadas bases filosóficas, de novas formas de compreender a educação, o seu objeto de estudo e campo de atuação, que se difere da centralidade do Marx: o processo e os mecanismos de alienação suscitados da produção material humana, o trabalho, compreendido em seus diferentes tempos e espaços, isto é, de forma contextualizada, situada.

Em vida, perguntado se era marxista, o próprio Freire respondeu que em respeito a Marx ele não se definia como tal, pois “[...] um teórico que aceite algum *apriori* da História ou na História não é marxista; [...] este teórico corre o risco de, encontrando-se com Marx em algum pós-vida, ouvir dele, Marx: meu amigo, você estava equivocado a respeito de minha contribuição teórica” (FREIRE; NOGUEIRA; SAVIANI, 2010, p. 9-10).

⁹ O termo marxiano pode, em certa medida, negar a faceta político-partidária esquerdista de Paulo Freire. Assim, pode negligenciar o fato de ele ter sido um estadista, secretário de educação do estado de São Paulo pelo [Partido dos Trabalhadores](#) e um dos fundadores desse partido político, o que, de alguma forma, lhe conferiria um traço mais marxista/ortodoxo, dada a sua militância concretamente esquerdista, do que marxiano. Todavia, a transcendência presente nos escritos freireanos afasta o filósofo da educação, em certa medida, de um marxismo radical, por isso, o uso da expressão marxizante seria mais fidedigna.

Da breve revisão teórica apresentada, é possível concluir que Freire é muitos. Sua obra revela simpatia com a obra de Marx, todavia, apresenta rupturas, por exemplo, ao defender o poder da educação em transformar o mundo, ainda que esse mundo seja caracterizado pela predominância de uma sociedade destrutiva e alienada, em que a possibilidade de mudança do *modus operandi* da opressão estabelecido é, à luz do Marx, irrealizável.

Em contrapartida, para Freire, pensar a educação como caminho para a liberdade, essencialmente a liberdade de consciência, qualidade última e mais importante do ser humano, por isso, constantemente atacada, é um idealismo realizável?

Essa possibilidade transformadora do mundo pela educação, em uma relação contrastiva com a obra de Karl Marx, equivaleria à concepção ideológica idealizada do mundo e, por sua vez, da educação, que remete à velha analítica ocidental de pensar a realidade sob o prisma do ideal possível, amplamente criticado por Marx.

Os contrastes e as aproximações entre as abordagens de Freire e Marx nos permitem concluir, resumidamente, que Marx desenvolveu uma filosofia do trabalho como práxis, ao passo que Freire desenvolveu uma filosofia da educação como práxis. A ideia da filosofia da práxis em um contexto de alienação do homem os une, porém, nessa união há uma teia infinita de hiatos.

Por fim, Marx e Freire debruçaram-se sobre objetos de estudo distintos - trabalho e educação, respectivamente -, mas que se inter cruzam no processo analítico que eles suscitam, que é a questão da alienação como substância de um sistema que sobrevive da superexploração do homem pelo trabalho e do homem pelo processo educativo adestrador.

Por fim, esclarece-se que este texto não teve a intenção de adentrar nas nuances analíticas aprofundadas de ambos os teóricos, que revelam continuidades e rupturas, mas enfatizar que a principal influência que Marx deixa em Freire traduz-se na capacidade de apreender as dinâmicas da educação em suas complexidades, articulações e em sua historicidade, tendo em vista que, como categoria analítica, o fenômeno educativo não pode ser analisado fora do seu contexto espaço-temporal repleto de contradições e desigualdades sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ESTADO DE MINAS. **Bolsonaro critica país aparelhado e ídolo da esquerda Paulo Freire**, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/01/18/interna_politica,1115259/bolsonaro-critica-pais-aparelhado-e-idolo-da-esquerda-paulo-freire.shtml. Acesso em: 26 fev. 2023.
- FREIRE, Paulo.; NOGUEIRA, A.; SAVIANI, D. Educação: preparação para o século XXI (diálogo com Paulo Freire e Adriano Nogueira). In: SAVIANI, D. (org.). **Interlocuções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.
- FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- FROMM, Erich. **O coração do homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARX, Karl. **Manuscrits de 1844**. Paris: Flammarion, 1996.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política - Vol. I**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAZUI, Guilherme. Portal G1. **Bolsonaro chama Paulo Freire de 'energúmeno' e diz que TV Escola 'deseduca'**, 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MEDEIROS, Taísa. Correio Brasiliense. **Bolsonaro critica método Paulo Freire: "Fábrica de militantes"**, 2022. Disponível em:

<https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2022/09/5033893-bolsonaro-critica-metodo-paulo-freire-fabrica-de-militantes.html>. Acesso em: 26 fev. 2023.

LIRA, Alessandra Mendes. **Paulo Freire e Erich Fromm: convergências e divergências**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, Faculdade de Educação, 2015.

OLIVEIRA, Fábio Tomé de. **O marxista, o marxiano e o marxólogo**, 2014.

Disponível em: <https://rfp.sesc.com.br/moodle/mod/forum/discuss.php?d=30>. Acesso em 27 fev. 2023.

OSAKABEL, Marcelo. PORTAL A TARDE. **Bolsonaro diz que vai combater 'lixo marxista' para melhorar educação no País**, 2018. Disponível em:

<https://atarde.com.br/brasil/bolsonaro-diz-que-vai-combater-lixo-marxista-para-melhorar-educacao-no-pais-1020208>. Acesso em: 26 fev. 2023.

PODER 360. **Camilo Santana assume Educação e cita Paulo Freire em discurso**,

2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/camilo-santana-assume-educacao-e-cita-paulo-freire-em-discurso/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SOUZA, André de; GULLINO, Daniel. O Globo. **Governo retoma programa para alfabetizar adulto sem medalha Paulo Freire**, 2022. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/governo-retoma-programa-para-alfabetizar-adulto-sem-medalha-paulo-freire-25388222>. Acesso em: 26 fev. 2023.

UOL EDUCAÇÃO. **"Paulo Freire e kit gay não têm vez", diz Weintraub**, 2020.

Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/03/05/paulo-freire-e-kit-gay-nao-tem-vez-diz-weintraub-ao-apresentar-material.htm>. Acesso em: 26 fev. 2023.